

A Candeia e o Alqueire

Texto Datilografado

Sérgio Biagi Gregório

SINOPSE: A CANDEIA E O ALQUEIRE

O objetivo deste trabalho é mostrar que a transmissão do conhecimento deve ser proporcional à compreensão do ouvinte. Para que possamos atingir tal propósito, analisaremos:

- 1º) O significado e a referência bíblica dos termos: candeia e alqueire;
- 2º) O contexto histórico dos Evangelhos, em que o povo judeu vivia sob o domínio do Império Romano;
- 3º) O conhecimento como uma relação entre o Sujeito e o Objeto, o que implica em simbologia, credence, juízo de valor etc.;
- 4º) O método pedagógico utilizado por Jesus para a transmissão dos conhecimentos: parábolas, hipérboles gráficas e alegorias.
- 5º) Visão espírita do tema: a interpretação de Allan Kardec sobre a parábola, o reino de Deus, o mistério etc.;
- 6º) O Espiritismo como o "consolador" prometido por Jesus.

TÍTULO: A CANDEIA E O ALQUEIRE

AUTOR: SÉRGIO BIAGI GREGÓRIO

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O DISCURSO ORATÓRIO

O objetivo desta exposição é mostrar que a transmissão do conhecimento deve ser proporcional à compreensão do ouvinte. Neste sentido, esta peça oratória analisará, sob a ótica espírita, o significado e o endereço bíblico das palavras candeia e alqueire, o contexto histórico dos Evangelhos, o problema do conhecimento e a pedagogia de Jesus.

1.2 - CANDEIA SOB O ALQUEIRE. PORQUE JESUS FALA POR PARÁBOLAS

Os textos evangélicos que dizem respeito ao tema são os seguintes:

1. Não se acende uma candeia para colocá-la sob o alqueire; mas se a coloca sobre um candeeiro, a fim de que ela clareie todos aqueles que estão na casa. (São Mateus, cap. V. v. 15)

2. Não há ninguém que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso ou a coloque sob uma cama; mas a põe sobre o candeeiro, a fim de que aqueles que entrem vejam a luz; porque não há nada de secreto que não deva ser descoberto, nem nada de oculto que não deva ser conhecido e manifestar-se publicamente. (São Lucas, mcap. VIII, v. 16,17).

3. Seus discípulos, se aproximando, disseram-lhe: Por que lhes falais por parábolas? E, lhes respondendo, disse: Porque, para vós outros, vos foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas, para eles, não foi dado. Eu lhes falo por parábolas, porque vendo não vêem, e escutando não ouvem nem compreendem. E a profecia de Isaías se cumprirá neles quando disse: Vós escutareis com vossos ouvidos e não ouvireis; olhareis com vossos olhos e não vereis. Porque o coração deste povo está entorpecido e seus ouvidos tornaram-se surdos, e eles fecharam seus olhos de medo que seus olhos não vejam, que seus ouvidos não ouçam, que seu coração não compreenda, e que, estando convertidos, eu não os curasse. (São Mateus, cap. XIII, v. de 10 a 15). (01).

1.3 - O SIGNIFICADO DOS TERMOS

Candeis - Do lat. candela, "vela de sebo ou de cera" significa pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de folha-de-flandres, barro ou outro material, abastecido com óleo, no qual se embebe uma torcida, e de emprego em casas pobres.

Alqueire - Do ár. al-kail. Antiga medida de capacidade para secos e líquidos, variável de terra para terra. Na Europa correspondia, pouco mais ou menos a 13 litros; na China, entre 10 e 31 litros. No Brasil, medida agrária que varia de acordo com a região: 48.400m² (RJ, GO, MG) e 24.200m² (SP).

O uso simbólico do alqueire deve-se essencialmente a seu emprego pelas sociedades secretas: a ideia básica é tirar o que está oculto debaixo, mais propriamente, o que está no interior. Para isso, colocavam o arroz vermelho, alimento da imortalidade, dentro do alqueire. E, se o alqueire contém esse alimento, é por causa da potência da luz, ou do conhecimento. Refere-se, também, à mitologia, em que o deus irlandês, --- Diancecht mata o seu filho Miach (alqueire). A filha de Diancecht, chamada Airmed, classificou as trezentas e sessenta e cinco plantas que cresceram sobre o túmulo de seu irmão, Miach. Diancecht, entretanto, colocou-as novamente em desordem, a fim de que ninguém pudesse utilizá-las. Miach (alqueire) simboliza a medida do equilíbrio cósmico, e Diancecht mata o próprio filho porque o conhecimento das plantas não deve ser divulgado. Ele põe esse conhecimento "debaixo do alqueire". (02).

2 - CONTEXTO HISTÓRICO DOS EVANGELHOS

2.1 - O EVANGELHO DE JESUS

A palavra evangelho, do grego euangélion, quer dizer "boa-notícia". O sentido mais antigo está relacionado com a "gorjeta" que se dava aos que traziam "boas-notícias".

Nas cidades gregas, falava-se do Evangelho quando ecoava a notícia de uma vitória militar ou do nascimento do filho de um rei, de um imperador. Unia-se aos cânticos e às cerimônias festivas, dando uma conotação de alegria.

No Velho Testamento, Deus comunica os seus anúncios de alegria aos patriarcas, a Moisés, aos chefes e aos profetas de seu povo.

No Novo Testamento, Deus dá o maior dos "anúncios", o anúncio de Jesus. O Evangelho torna-se então "o alegre anúncio" da vinda do Cristo salvador e a proclamação da sua missão. (03). *f BARRAQUA p.19-21*

2.2 - O JUDAÍSMO E O IMPÉRIO ROMANO

O judaísmo compreende as leis, costumes, práticas religiosas peculiares aos judeus a partir do cativeiro da Babilônia.

O povo judeu, ao qual Jesus e os apóstolos pertenciam fazia parte do grande império romano que estendia as asas das suas águias do Atlântico ao Índico. O jugo romano, porém, pesava de modo especial sobre a Palestina ao contrário dos outros povos.

"O ambiente histórico, em que o Evangelho nasceu, é o do judaísmo, formado e alimentado pelos livros sacros do Antigo Testamento, condi

cionado pelos acontecimentos históricos, pelas instituições nas quais se encontrou inserido e pelas correntes religiosas que o especificaram.

Embora o Cristianismo seja uma religião revelada, diferente da judaica, apareceu historicamente como continuação e aperfeiçoamento

da revelação dada por Deus ao povo de Israel. (03). *JESUS ERA UM JUDEU, QUE NASCEU E VIVEU NA PALESTINA. OS APOSTÓLOS ERAM TODOS DA SUA GENTE E DA SUA RELIGIÃO. OS PRIMEIROS OUVINTEIROS DO EVANGELHO E OS PRIMEIROS CONVERTIDOS ERAM ADORADORES DO DEUS DE ISRAEL E SEGUIDORES DA LEGISLAÇÃO MOSAICA.*

3 - O PROBLEMA DO CONHECIMENTO

p. 118

3.1 - CONCEITO DE CONHECIMENTO

"No conhecimento encontram-se frente a frente a consciência e o objeto, o sujeito e o objeto. O conhecimento apresenta-se como uma relação entre esses dois elementos, que nela permanecem eternamente separados um do outro. O dualismo sujeito e objeto pertence à essência do conhecimento" (04).

Desta forma:

- conhecer é reproduzir em nosso pensamento a realidade.
- damos o nome de conhecimento à posse deste pensamento que concorda com a realidade.
- à concordância do pensamento com a realidade, chamamos verdade.

3.2 - TIPOS DE CONHECIMENTO

a) "Conhecimento folk", que é o processo pelo qual adquirimos conhecimento ao longo da vida cotidiana e através dos relacionamentos comuns na família, entre amigos, no grupo de iguais etc. Seu defeito maior é a dificuldade de ser acumulado, pois existe apenas nas cabeças dos vi

ventes. Pode se desfazer com uma simples epidemia.

b) Conhecimento literário, processo de conhecimento envolvendo o uso da escrita ou outras formas de registro de informações. Começou a partir mais ou menos do ano 3000 a.C. e dura até os dias atuais. Isso veio tornar o problema da transmissão do estoque de conhecimentos de uma geração para outra muito mais fácil e permitir maior especialização, visto que o estoque de conhecimentos não ficava confinado ao que uma cabeça individual pode guardar.

c) O conhecimento científico pode ser apontado como o terceiro processo de produzir conhecimento, e tem sido o característico dos últimos 300 anos. Damos-lhe o nome de ciência. O progresso do conhecimento produzido por esse movimento praticamente dobrou a duração da vida humana, lançou o homem no espaço, explorou toda a superfície da Terra, liberou enormes fontes de energia, criou materiais inteiramente novos e provocou enorme acréscimo de produtividade e de riqueza. (05).

d) Conhecimento filosófico, como processo de autoconhecimento do homem. A maiêutica socrática encontra-se atualíssima na era moderna.

e) Conhecimento religioso, como um processo de relacionamento entre a criatura e o Criador, consubstanciado na revelação, na intuição, na inspiração e outras formas.

3.3 - A LINGUAGEM SIMBÓLICA

No símbolo, a pessoa se expressa. No símbolo a pessoa é conhecida. No símbolo se encontra com a outra no plano da comunicação e da confiança que une dois seres pessoais. Foi por isso, que, com razão,

já se definiu o homem como um ser simbólico.

Toda a cultura é uma produção de símbolos dos quais os homens se expressam, se comunicam e se trocam a riqueza interior. (06).

A palavra símbolo presta-se a muitas significações. Confundimo-la com a metáfora, a alegoria, a parábola, o apólogo etc. Há, até uma matéria filosófica, denominada simbólica, que estuda a gênese, o desenvolvimento, a vida, a morte e a ressurreição do símbolo.

Em se tratando dos ensinamentos de Jesus, precisamos extrair a essência daquilo que ele deixou velado, ou seja, entender a simbologia de sua linguagem.

4 - A PEDAGOGIA DE JESUS

4.1 - EDUCAÇÃO

A educação é um processo lento. O amadurecimento do ser requer consideração, reflexão e ponderação constantes.

Por sua própria natureza, a educação é um diálogo. Através desse diálogo, as gerações mais experimentadas transmitem às mais jovens a riqueza de seus conhecimentos e vivências.

Cristo é o grande educador da humanidade. Para educar o povo, recorreu à pedagogia da época: parábolas, hipérboles gráficas e alegorias. (06).

4.2 - AS PARÁBOLAS

Parábola é um relato que possui sentido próprio, destinado, - porém, a sugerir, além desse sentido imediato, uma lição moral.

No fundo do parabole grego há a idéia de comparação, enigma, curiosidade.

As parábolas evangélicas contadas por Jesus são imagens tomadas das realidades terrestres para serem sinais das realidades reveladas por Deus. Elas precisam de uma explicação mais profunda.

O conhecimento exotérico e o conhecimento esotérico estão implícitos nas parábolas. O conhecimento exotérico refere-se à exposição que Jesus fazia publicamente, enquanto o conhecimento esotérico, refere-se às explicações que Jesus dava aos apóstolos, em particular. (07).

4.3 - O MISTÉRIO DO REINO DOS CÉUS

Mistério - Do greg. mysterion evoca a idéia de coisa secreta. É um dogma religioso cuja compreensão está acima da razão humana. Pode ser, também, o ensinamento dado à parte aos iniciados em uma doutrina ou religião. Temos, assim, o mistério eleusíaco, o mistério órfico, o mistério da encarnação, o mistério da Santíssima Trindade etc.

Reino dos céus - É uma realidade misteriosa que só Jesus pode dar a conhecer. Jesus revela o reino dos céus às crianças, aos humildes e aos pobres de espírito. Nega-o, porém, aos prudentes. (07).

5 - A CANDEIA, O ALQUEIRE E O ESPIRITISMO

Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, com o auxílio dos Espíritos superiores, fornece-nos subsídios valiosos para a interpretação desta e de outras passagens evangélicas.

Analisemos, pois:

a) reino dos céus - Não é um lugar circunscrito, nem governo ou Estado; é o governo de cada um pela obediência às leis naturais, inscritas por Deus em nossa consciência.

b) o falar por parábolas - Jesus falava, exotericamente, de modo obscuro, somente com relação aos aspectos mais abstratos de sua doutrina; quanto à caridade, falava claramente. Com os apóstolos, mais aptos a compreender o alcance de sua doutrina, falava mais abertamente. E, mesmo com estes, não disse tudo.

c) o mistério - É um instrumento valioso para as religiões, pois seus propagadores não podem fornecer uma luz mais intensa do que aquela que os seus adeptos possam absorver. Observe que a Ciência, descobrindo novas leis da natureza, já elucidou muitos mistérios. Por isso, a necessidade da constante atualização dos conhecimentos.

O Espiritismo vem hoje lançar luz sobre uma multidão de pontos obscuros; entretanto, não a lança inconsideravelmente. Os Espíritos procedem nas suas instruções com uma admirável prudência; não foi senão sucessiva e gradualmente que abordaram as diversas partes conhecidas da doutrina e é assim que as outras partes serão reveladas à medida que o momento tenha chegado para fazê-las sair da sombra. (01).

6 - CONCLUSÃO

Todos podemos ser os arautos do Senhor. O Espiritismo nada inventou, apenas facilitou a nossa compreensão das verdades eternas. Cabe-nos, portanto, não só estudar os princípios fundamentais da doutrina, - como, também, penetrar no âmago do psiquismo humano. Tal procedimento, auxiliar-nos-á eficazmente, no sentido de transmitirmos o conhecimento espiritual de acordo com a capacidade de entendimento daqueles que nos ouvem.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- (01) KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo. 39. ed., São Paulo: IDE, 1984.
- (02) CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 6. ed., Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1992.
- (03) BATTAGLIA, O.^{can} Introdução aos Evangelhos - Um Estudo Histórico-crítico. Rio de Janeiro: VOZES, 1984.
- (04) HESSEN, J. Teoria do Conhecimento. 4. ed., Coimbra/Portugal: Armenio Amado, 1968.
- (05) BOULDING, K. E. O Impacto das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974,
- (06) IDÍGORAS, J. L. Vocabulário Teológico para a América Latina. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- (07) LEON-DUFOUR, X. e OUTROS. Vocabulário de Teologia Bíblica. - Rio de Janeiro: VOZES, 1972.

18/08/1996